

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DOUBLE BILL
18 de março de 2023

CANYON PASSAGE / 1946 (*Amor Selvagem*)

um filme de Jacques Tourneur

Realização: Jacques Tourneur / **Argumento:** Ernest Pascal, segundo a novela de Ernest Haycox / **Fotografia:** Edward Cronjager / **Música:** Frank Skinner / **Canções:** Hoagy Carmichael e Jack Brocks / **Montagem:** Milton Carruth / **Intérpretes:** Dana Andrews (Logan Stuart), Brian Donlevy (George Camrose), Susan Hayward (Lucy Overmire), Patricia Roc (Caroline Marsh), Ward Bond (Honey Bragg), Andy Devine (Ben Dance), Rose Hobart (Maria Lestrade), Halliwell Hobbes (Clenchfield), Lloyd Bridges (Johnny Steele), Standley Ridges (Jonas Overmire), Dorothy Petersen (Mrs. Dance), Vic Cutler (Vane Blazier), Fay Holden (Mrs. Overmire), Tad Devine (Asa Dance), Dennis Devine (Bushrod Dance), Hoagy Carmichael (Linnet).

Produção: Walter Wanger, para a Universal / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, legendada em português, 92 minutos / **Estreia Mundial:** New York, em 17 de Julho de 1946 / **Estreia em Portugal:** Politeama, em 20 de Março de 1947.

Canyon Passage é apresentado em "double bill" com **Lou n'a pas Dit Non**, de Anne-Marie Miéville ("folha" distribuída em separado).

A projeção decorre com um intervalo de 20 minutos entre os dois filmes.

Apesar de muito celebrados os westerns de Jacques Tourneur têm sido mais referidos do que vistos. Será bom ter-se na memória, e em especial atenção, este filme para melhor se entender a pequena obra-prima que vamos ver, em particular, e a forma como Tourneur entende o western, em geral. Porque vendo este filme, verifica-se que Tourneur aplica ao western as mesmas regras que usou na abordagem dos filmes de terror: um desvio da "estrada principal" do género para percorrer insólitos e estranhos atalhos que têm a ver com a memória e a sugestão, que transfiguram no olhar do espectador as imagens realistas que a câmara capta. Sobre o realismo da imagem um olhar poético que o transfigura ou, usando uma frase mais conhecida, "*sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia*". Mesmo assim, esta ideia só em parte se aplica aos filmes de Tourneur. Não se trata de um disfarce, de esconder sob imagens bonitas a realidade cruel e o horror. Trata-se antes de encontrar o fascínio do medo nos filmes de horror e a poesia da lama e da natureza selvagem nestes westerns, num percurso semelhante ao do fascínio do mal por outros autores. **Canyon Passage** é simultaneamente o western mais realista que se fez até então e também o mais poético, não porque esta última característica esconda a primeira, mas porque ganha a sua força na exposição simples e tranquila da primeira.

Canyon Passage é o western mais realista porque se limita a descrever o percurso da construção de uma comunidade de pioneiros, em 1856, no Oregon (onde foram filmados os fabulosos exteriores que fazem do filme de Tourneur, o primeiro western que este dirigiu,

um dos mais belos de sempre no seu género), ligando várias referências à mitologia do western mas evitando o uso dos seus arquétipos de personagens ou clichés de situações. De facto quase tudo foge à norma do western clássico em **Canyon Passage**. Digo quase porque lá temos a personagem feminina (Susan Hayward) comprometida com um e apaixonada por outro que a morte ocasional do primeiro vem resolver a contento das regras do género. Na mesma situação se encontra o herói (Dana Andrews), sendo a solução a mesma, com a noiva vítima do ataque dos índios.

Uma das características mais insólitas para os apreciadores do western é que neste filme poucas armas se vêem. De facto, ao contrário do mito, os pioneiros não andavam todos de pistola à cinta. As armas só aparecem em última instância, quando se trata de impôr a ordem na comunidade (o conflito com Ward Bond, a prisão de Brian Donlevy) ou de defendê-la contra uma ameaça externa: o ataque dos índios. E mesmo estes também não se mostram segundo a perspectiva tradicional do western clássico, mas não se confundem com o olhar humanista e revisionista que aparece a partir de **The Broken Arrow**. Para já surge uma novidade: o reconhecimento das suas origens e da condição de intrusos dos brancos. Esta é a posição do personagem de Andy Devine, aquele que é um dos pilares da comunidade, afirmada aquando da aparição dos índios esfomeados na festa de casamento, que ele evita que se transforme num drama com a entrega de um cesto de vitualhas. Esta personagem será uma das vítimas do ataque dos índios, não por uma questão de represália, mas simplesmente porque "estava ali". A revolta dos índios é bem justificada, o filme também não esconde isso, como não esconde que a luta desesperada de represálias não escolhe alvos (Devine, a noiva de Dana Andrews, o jovem casal cuja festa de casamento presenciámos). Mas o próprio personagem que está na origem da tragédia, Bragg (Ward Bond), é tratado de uma forma como nunca se vira até então no género, com uma complexidade que a brutalidade exterior da personagem esconde (os frente a frente de Ward Bond e Dana Andrews).

Mas acima de tudo, o que **Canyon Passage** celebra, e desse modo é o filme que anuncia **Stars in My Crown** ou **Wichita**, é o papel que a comunidade tem na narrativa. Tudo se centra à sua volta, na sua construção e na imposição de regras que permitam que ela funcione até à aparição de instrumentos legais. Os westerns de Tourneur são filmes sempre à volta de comunidades em formação, e das manifestações do direito consuetudinário de **Canyon Passage** e das leis divinas em **Stars in My Crown**, até à imposição da Lei humana em **Wichita**, usando, neste último caso, uma figura histórica: Wyatt Earp. Talvez por isso os westerns de Tourneur vão-se despojando progressivamente da imagem poética do paraíso original que de certo modo **Canyon Passage** representa. Aqui está tudo em estado puro ainda. Em **Stars in My Crown** manifesta-se o peso da memória e do passado. Em **Wichita** é a Lei que se impõe secamente. Cada vez mais despojado na forma narrativa. Das deslumbrantes paisagens do começo à aridez das planícies.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico